
O processo de trabalho na área de enfermagem: uma abordagem psicanalítica

*Wilson Danilo Lunardi Filho
Cláudio Mazzilli*

O acompanhamento do trabalho diário do pessoal de enfermagem, suas realizações e seus momentos de sofrimento constituíram elementos mobilizadores para o direcionamento deste estudo. As vivências do trabalhador em seu ambiente de trabalho repercutem em seu contexto doméstico e social, exercendo influência na qualidade de suas relações e interferindo na sua vida como um todo.

A relevância do estudo reside na identificação de fatores que determinam a causa de sofrimento ou prazer no trabalho, não só dos que atuam na enfermagem, mas também dos demais trabalhadores, nas mais diversas áreas. Tais fatores podem significar possibilidades de mudanças, com repercussões positivas, nas vidas destes e também daqueles com quem interagem. Nas práticas e vivências do cotidiano é que as formas contraditórias de vivenciar os elementos satisfatórios e causadores de sofrimento no trabalho se expressam ressaltando sua dimensão subjetiva, ou seja, aquela dimensão da experiência que expressa o sujeito na intersecção de sua particularidade com o mundo sociocultural e histórico.

As dificuldades em estabelecer esses fatores residem em que tanto o prazer como o sofrimento, em analogia à dor, não podem ser definidos de maneira satisfatória, salvo quando cada indivíduo os enuncia de modo introspectivo para si.

Neste artigo visa-se buscar, por estudo exploratório com base na expressão do trabalhador, dados para identificar, em sua percepção, os fatores que têm implicações na gênese do sofrimento ou do prazer no trabalho.

A DICOTOMIA SOFRIMENTO E PRAZER

Para Dejours & Abdoucheli (1994), o aparelho psíquico e o desejo do sujeito, a exemplo do corpo designado como alvo das condições de trabalho, revelaram-se como alvos específicos da organização do trabalho. "A organização do trabalho aparece na clínica psicopatológica como a expressão característica da violência que pode implicar uma generalização na ordem da técnica e não mais da teoria, como era o caso ante-

Este artigo foi desenvolvido com base na Dissertação de Mestrado apresentada pelo primeiro autor ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Professor Doutor Cláudio Mazzilli. Os autores agradecem aos Professores Geraldo Ronchetti Caravantes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Marilú Fontoura de Medeiros (Pontifícia Universidade Católica - Rio Grande do Sul) pelas sugestões.

Recebido em outubro/95
2ª versão em março/96

Wilson Danilo Lunardi Filho, Mestre e Doutorando em Administração, é Professor Adjunto do Departamento de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Fundação Universidade de Rio Grande.
Fax: (051) 227-1036
E-mail: ppga@vortex.ufrgs.br

Cláudio Mazzilli, Mestre e Doutor em Administração, é Professor Adjunto do Departamento de Ciências Administrativas e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Fax: (051) 227-1036
E-mail: ppga@vortex.ufrgs.br

riormente, quando ela se abate sobre os trabalhadores que não podem mais ser sujeitos de seu comportamento.” Dessa forma, a Psicopatologia do Trabalho é levada a pesquisar, primeiramente, o que no trabalho está dialeticamente oposto ao desejo. Segundo esses autores, o desejo situa-se precisamente entre a necessidade (no sentido fisiológico do termo) e a demanda (no sentido de demanda de amor). Assim, ao atacar-se o desejo, ameaça-se o regulador natural do equilíbrio psíquico e somático.

Dejours (1993) relata, a partir de seus estudos, ser possível demonstrar que as pressões do trabalho, as quais põem particularmente em causa o equilíbrio psíquico e a saúde mental do trabalhador, provêm da organização do trabalho, em contraposição aos constrangimentos perigosos para a saúde somática que se situam nas condições de trabalho, mais precisamente nas condições físicas (barulho, temperatura, irradiações ionizantes, vibrações etc.), químicas (poeira, vapores, gases, entre outras) e biológicas (vírus, bactérias, fungos) cujo alvo principal é o corpo. Deve-se entender a organização do trabalho, por um lado, como a divisão das tarefas (chegando à definição do modo operatório) que atinge diretamente a questão do interesse e do tédio no trabalho e, por outro, como a divisão dos homens (hierarquia, comando, submissão) que atinge diretamente as relações estabelecidas pelos trabalhadores entre si, no próprio local de trabalho.

As pressões normativas da vida no trabalho, por serem suficientemente seletivas, eliminam da empresa aqueles que apresentam sintomas mentais ou distúrbios do comportamento — embora leves —, de tal sorte que a maioria dos trabalhadores remanescentes se encontra no limite da normalidade. Esta, conquistada e conservada pela força, é inteiramente trespassada pelo sofrimento. “O sofrimento é então definido como o espaço de luta que cobre o campo situado entre, de um lado, o ‘bem-estar’ e, de outro, a doença mental ou a loucura” (Dejours, 1993).

As relações entre sofrimento e organização não se direcionam sempre no sentido da promessa de felicidade no mundo exterior ou de infelicidade enquanto no interior da empresa. O trabalho também pode ser fonte de prazer e, mesmo, mediador da saúde. Em sua luta contra o sofrimento, às vezes o sujeito elabora soluções originais, favoráveis tanto à produção quanto à sua saúde. Tal forma de sofrimento foi denominada de sofrimento criativo; quando, ao contrário, o sujeito chega a soluções desfavoráveis, essa forma de sofrimento caracteriza-se como sofrimento patogênico.

Por intermédio do trabalho o sujeito engaja-se nas relações sociais, para as quais transfere questões herdadas de seu passado e de sua história afetiva. A ressonância simbólica aparece, então, como condição necessária

para a articulação bem-sucedida da dicotomia singular (sofrimento singular, herdado da história psíquica própria a cada indivíduo, ou dimensão diacrônica) com a sincronia coletiva (sofrimento atual, surgido do reencontro do sujeito com a situação do trabalho, ou dimensão sincrônica). “Esse ponto é essencial porque, com relação à produção e à qualidade do trabalho, a ressonância simbólica permite que o trabalho se beneficie da força extraordinária conferida pela mobilização dos processos psíquicos nascidos do inconsciente. A ressonância simbólica é, por assim dizer, uma condição de reconciliação entre o inconsciente e os objetivos da produção” (Dejours, 1993).

O problema psicopatológico essencial decorre das pressões psíquicas ocasionadas pela separação taylorista entre as atividades de concepção e de execução, pois confiscando dos trabalhadores a concepção do seu trabalho, a organização científica do trabalho origina uma clivagem entre corpo e pensamento. Separando excessivamente concepção e execução, desorganiza-se o próprio fundamento do **recurso humano** no plano singular. Quebram-se as transparências e as relações de confiança necessárias para a construção e a estabilização do grupo de trabalho e do sentimento de pertencer à comunidade. Com esse procedimento são minadas as próprias bases da cooperação.

Adotando a lógica gerencial taylorista, a administração instala-se em posições prescritivas e renova a clivagem entre concepção e execução. “A lógica dessa postura gerencial é, ao fim, desmobilizar os trabalhadores e destruir a ressonância simbólica, isto é, o quadro humano que tornaria possível a utilização da imaginação, da criatividade e da iniciativa operárias” (Dejours, 1993). O sofrimento e as defesas contra ele decorrentes da organização prescrita do trabalho introduzem a desconfiança entre os diferentes níveis de trabalhadores, interferem na qualidade da produção, provocando a desorganização da cooperação.

Para alcançar determinado objetivo, muitas vezes o caminho a ser percorrido obriga os trabalhadores a introduzirem modificações, reajustamentos e improvisações importantes no plano de trabalho previsto inicialmente, violentando as regras. Portanto, na situação real, a lacuna que cada trabalhador deve necessariamente gerir entre a organização prescrita do trabalho e a organização real exige sempre uma atividade de concepção. “É essa atividade de concepção que toma o lugar da atividade de experimentação ocupada outrora, na criança, pelo jogo” (Dejours, 1993).

Reajustar a organização do trabalho prescrita leva, muitas vezes, o trabalhador a se colocar na ilegalidade e até mesmo a assumir riscos. Há a exigência de que cada setor tome decisões e faça escolhas entre diferentes formas de proceder, diferentes formas de atingir os objeti-

vos, diferentes modos operatórios, diferentes formas de **fraudar**.

Cada vez que o trabalhador encontra solução para problemas que lhe são colocados (atividade de concepção) e obtém, em troca, reconhecimento social por seu trabalho, é também o sujeito sofredor, mobilizador de seu pensamento, que recebe reconhecimento subjetivo à sua capacidade para conjurar a angústia e dominar o seu sofrimento. O prazer obtido dessa gratificação tem, porém, curta duração, ressurgindo o sofrimento que o impele para outras situações de trabalho, novas apostas organizacionais e novos desafios simbólicos. Por outro lado, sendo o reconhecimento a retribuição fundamental da sublimação, significa que esta representa importante papel na conquista da identidade. Identidade e reconhecimento social, como condições de sublimação, conferem a esta uma função essencial na saúde mental do trabalhador.

Segundo Dejours & Abdoucheli (1994), a sublimação é um processo psíquico, através do qual as pulsões encontram uma saída dessexualizada no campo social; por outro lado, vêem com dificuldade como o trabalho parcelar poderia oferecer oportunidade para sua ocorrência. Conforme Dejours (1993), a sublimação é melhor distribuída do que a capacidade de construir uma economia erótica estável. Assim, muitas pessoas só conseguem se manter equilibradas e obter satisfações afetivas graças ao trabalho. Trabalho e sublimação aparecem como operadores fundamentais da saúde mental. Muito frequentemente, o entrave ao jogo sublimatório não é tanto o resultado da incapacidade psíquica do sujeito quanto o da ausência das condições organizacionais necessárias ao estabelecimento da ressonância simbólica.

O sujeito, na impossibilidade de elaborar nas organizações essas condições favoráveis, não se beneficia do trabalho para dominar o sofrimento e transformá-lo em criatividade. Para Dejours (1993), “a criatividade confere sentido porque traz, em contrapartida ao sofrimento, reconhecimento e identidade”. O sofrimento adquire um sentido: “definitivamente, o prazer no trabalho é um produto derivado do sofrimento”. Tal conclusão do autor fundamenta-se na observação de que se, por um lado, os trabalhadores se empenham em lutar contra o sofrimento, por outro, não buscam situações de trabalho isentas de sofrimento, chegando até a detestá-las. Enfrentam, sem hesitação, as dificuldades e a adversidade das situações de trabalho. Buscam desafios porque “a realidade do trabalho é um terreno propício para jogar e re-jogar com o sofrimento, na esperança de que esse desempenho desemboque nas descobertas e nas criações socialmente e, mesmo, humanamente úteis”. Em vez de eliminar o sofrimento do trabalho, o problema que se coloca para a administração seria, antes de tudo, propiciar condições aos trabalhadores para gerirem eles mesmos seu

sofrimento, em proveito próprio e da produtividade. “Enfim, a problemática do sofrimento permite dar conta, de maneira igualmente satisfatória, tanto da motivação e do prazer no trabalho como da desmotivação e dos efeitos patogênicos do trabalho” (Dejours, 1993).

Quando se torna impossível o rearranjo da organização do trabalho, bloqueando a relação conflitual do aparelho psíquico à tarefa, a atividade fantasmática, a imaginação e o sofrimento criativo chegam a entrar em concorrência com a injunção de realizar um modo operatório prescrito e rigidamente definido. Os trabalhadores travam luta contra a espontaneidade do próprio pensamento, pela tendência deste a desorganizar sua atividade, perturbar suas cadências e a ocasionar erros. Em outras palavras, o trabalhador obriga-se a lutar contra as emergências de seu pensamento e de sua atividade fantasmática.

Como não existe um modo simples de deter o pensamento à disposição do trabalhador, este recorre a estratégias defensivas muito particulares visando paralisar sua atividade psíquica espontânea, e não simplesmente descartá-la, o que se revela efêmero pois ela sempre retorna. Para tanto, a maioria dos trabalhadores, acelerando o ritmo de trabalho, paralisa seu funcionamento psíquico por meio da fadiga. Essas tarefas anti-sublimatórias conduzem ao surgimento do sofrimento psíquico que pode se evidenciar sob a forma de padecimento físico e não de doença mental.

A ORGANIZAÇÃO DEJOURIANA DO TRABALHO

Conforme Dejours (1994b), a organização prescrita do trabalho materializa-se por um tipo de manual de procedimentos em que há, para cada operação, grande número de tarefas elementares a serem realizadas, as quais se superpõem e mostram a sua inaplicabilidade prática; ao se querer respeitá-las torna-se impossível, muitas vezes, realizar o trabalho. Tanto os operadores quanto os executivos são levados a transgredir os procedimentos prescritos, adotando a prática inevitável do **quebra-galho**. “As escolhas técnicas e operatórias feitas pelos agentes, em todos os níveis de qualificação, devem ser entendidas aqui a partir da mobilização efetiva da iniciativa, da inventividade, da cooperação dos operários para preencher e ultrapassar as incoerências, as inconveniências, as insuficiências e as impossibilidades práticas da organização prescrita do trabalho.”

Dessa forma, revela-se uma inadequação irredutível entre a organização do trabalho prescrita e a organização do trabalho real (Dejours, 1993). Mesmo que útil e necessária como referência, a organização prescrita do trabalho apresenta zonas de indefinições que suscitam sentimentos de apreensão ou mesmo medo, tanto nos operadores quanto nos executivos (Dejours, 1994b).

Embora as características do ofício estejam bem-definidas pela habilidade e pela competência profissionais, isso não evita que nas condições reais de trabalho seja extremamente difícil a realização das tarefas. O drama do sofrimento localiza-se no desconhecimento das dificuldades experimentadas pelos operários ou na negação, pela gerência, de reconhecer a discordância irreduzível entre organização do trabalho prescrita e organização do trabalho real. As lógicas defensivas dos executivos conduzem à construção da psicologia espontânea pejorativa, imputando as imperfeições do sistema àqueles que executam o trabalho: deplorando a falta de formação dos agentes ou proferindo um julgamento de condenação moral aos operários. As lógicas defensivas dos operários, por sua vez, conduzem à tática do segredo e à construção dos particularismos de equipes, nas quais a coesão procede da referência a inimigos comuns (Dejours, 1993; Dejours, 1994b). Cabe ressaltar que nada parece existir de mais eficaz do que uma outra pessoa para, por meio de seu olhar, gesto ou comentário, auxiliar o desenvolvimento de um indivíduo ou, ao contrário, aniquilar a realidade de sua existência (Chanlat & Bédard, 1993).

O trabalho também pode ser fonte de prazer e, mesmo, mediador da saúde.

As defesas coletivas, inicialmente destinadas a lutar contra o sofrimento decorrente das relações com a hierarquia e a prática dos **quebra-galhos**, voltam-se contra os próprios agentes. Às vezes, as ideologias defensivas da profissão favorecem o enrijecimento das relações sociais de trabalho existentes e a estabilização do individualismo, mas nem sempre eliminam os problemas inerentes à organização do trabalho. Neste sentido, por todo o imaginário, com sua função alienante e de ocultação das relações sociais, o individualismo desempenha uma desapropriação da inteligibilidade e do poder sobre o ato. Contudo, antes da radicalização individualista, na situação cotidiana os agentes defendem-se das pressões patogênicas segundo modalidades que lhes atribuem o poder de ação sobre a organização do trabalho, concretizando uma organização real bem diferente da organização prescrita.

A partir de certo limite, o individualismo generalizado pode levar a desordens preocupantes em matéria de organização do trabalho, de qualidade, de produtividade e de segurança. Para explicar a ocorrência dos incidentes, ou o aparecimento de acidentes de maiores proporções, é suficiente considerar a desestruturação das relações de

cooperação e de prazer no trabalho, sem a necessidade de invocar causas outras ou atribuí-los à incompetência ou à falta de formação dos agentes (Dejours, 1994b).

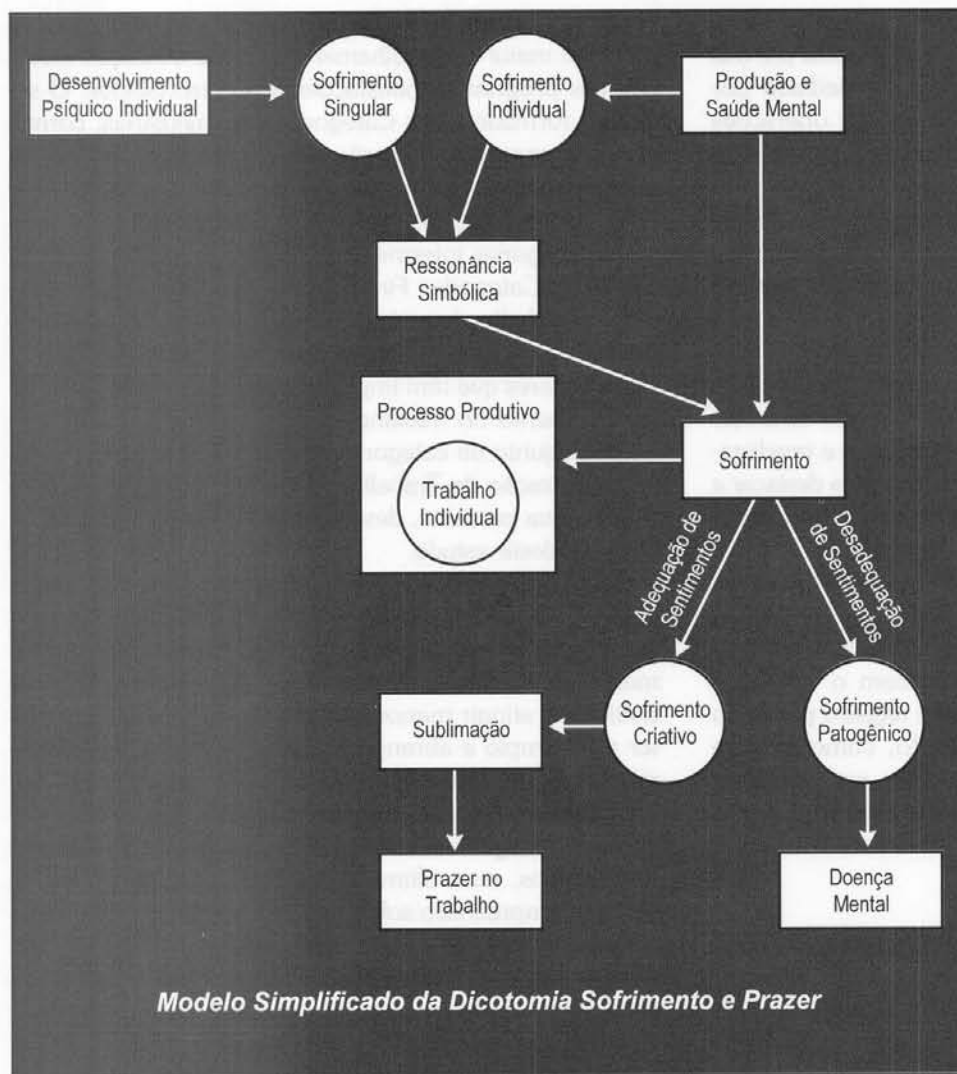
Para transformar o sofrimento em iniciativa e em mobilização criativa, faz-se fundamental o uso da palavra num espaço de discussão em que perplexidades e opiniões se tornem públicas. Entretanto, esse procedimento não exclui que tanto os trabalhadores como a gerência necessitem de escalas e da organização do trabalho prescrita, pois o exercício da palavra nesse espaço público pressupõe um referencial comum, formado precisamente pela organização prescrita do trabalho.

Conclui-se pela constatação de que o trabalho é imprescindível a qualquer pessoa, independentemente de sua natureza e de suas condições de realização. O trabalho determina a própria sobrevivência e o condicionamento social do indivíduo, constituindo fator de equilíbrio e desenvolvimento do ser humano e, desta maneira, propiciando poder estruturante tanto da saúde mental quanto da física. Entretanto, o excessivo emprego de aptidões fisiológicas pode comprometer a saúde física. Com relação à saúde mental, o principal risco, em decorrência das imposições da organização do trabalho, reside no subemprego de aptidões psíquicas, fantasmáticas ou psicomotoras que bloqueia a descarga psíquica. Esta retém a energia pulsional, impedindo a sensação de prazer no trabalho.

A análise do modelo taylorista demonstra que a clivagem entre corpo e pensamento, originada na separação de atividades de concepção e execução do trabalho, gera pressões psíquicas que, ao não permitirem espaço para reajustes na organização prescrita do trabalho, impedem qualquer exercício de criatividade. Por outro lado, a atividade de criatividade confere sentido porque traz, em contrapartida ao sofrimento, reconhecimento social e identidade como condições de sublimação, conferindo a esta uma função essencial na saúde mental do trabalhador. O sofrimento adquire, assim, um sentido.

A figura da página seguinte ilustra o objeto deste estudo.

O trabalho individual é visto como influenciado diretamente por produção e saúde mental, as quais vão determinar o tipo de sofrimento do trabalhador. Na realidade, a ressonância simbólica tenta manter o equilíbrio mental individual no momento da difícil confrontação entre o inconsciente, composto por emoções que permanecem difusas, e o ambiente produtivo real. A desconexão destes fatores pode conduzir a um processo de alienação manifesta através da doença mental ou da criatividade. Entretanto, esta é vista como tentativa de compensação pelas frustrações vivenciadas. A sublimação aparece como a única opção para lidar de maneira racional com a carga emocional gerada pelo sofrimento.



Modelo Simplificado da Dicotomia Sofrimento e Prazer

A METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo, realizado em instituição hospitalar pública, possui características exploratórias descritivas, uma vez que o método descritivo focaliza a medida precisa de uma ou mais variáveis dependentes em uma população ou em uma amostra (Hyman, 1967).

Coleta dos dados

A coleta dos dados foi feita por meio de entrevistas semi-estruturadas com profissionais da área de enfermagem, realizadas em local reservado — preferencialmente distinto do ambiente de trabalho e em horário outro que não o dos turnos de trabalho — e gravadas com a aquiescência dos entrevistados, para serem posteriormente transcritas.

A transcrição foi procedida na íntegra e após cada entrevista, pelo próprio pesquisador, para garantir a máxima fidelidade, o sigilo e o anonimato necessários.

Preferentemente, uma nova entrevista só era realizada após a transcrição total da anterior. A duração média de cada entrevista foi de 50 minutos, com o mínimo de 30 e o máximo de 90 minutos. A intervenção do entrevistador foi a menor possível, ocorrendo apenas quando da formulação de nova pergunta ou, esporadicamente, para redirecionar o assunto quando considerado pertinente, evitando a exposição de fatos ou minúcias de detalhes que se afastassem dos objetivos principais do estudo.

Ao final de cada entrevista eram formuladas perguntas baseadas em roteiro com questões fechadas, visando à obtenção de dados considerados necessários ao estudo e à caracterização dos sujeitos da amostra.

Descrição da amostra

Dentre as categorias ligadas à coordenação de enfermagem do hospital estudado, selecionamos as de **enfermeiro** e **auxiliar de enfermagem** por serem numericamente

representativas. Tal escolha foi também motivada pela característica de a enfermagem ser uma profissão socializada, em decorrência da divisão social e técnica do trabalho, constituindo prática heterogênea, realizada por diferentes categorias, com formação diferenciada e legalmente institucionalizada.

Participaram da pesquisa 18 profissionais de enfermagem que trabalhavam, à época, em diferentes setores ou unidades e em turnos distintos. A diversidade de tais características foi intencional, com vistas a obter uma visão mais abrangente e diferenciada relacionada a esses aspectos. Apesar de a amostra ter sido aleatória, envolveu apenas profissionais dessas duas categorias distintas.

Análise do conteúdo das entrevistas

Segundo Bardin (1979), a análise por categorias é cronologicamente a mais antiga e, na prática, a mais utiliza-

da das técnicas de análise de conteúdo. Portanto, a escolha recaiu sobre a análise temática das entrevistas por sua eficácia na aplicação a discursos diretos, mediada por categorizações cujo funcionamento se dá por operações de desmembramento do texto em unidades, segundo reagrupamentos analógicos.

Adotou-se, no presente estudo, a seqüência de passos da metodologia de análise de conteúdo apresentada por Moraes (1993), consistindo das etapas descritas a seguir.

Preparação das informações

Esta etapa foi realizada em dois momentos distintos: transcrição das entrevistas gravadas na íntegra e imediatamente após sua realização; leitura flutuante para destacar e selecionar aspectos pertinentes e relevantes ao estudo.

Unitização ou transformação do conteúdo em unidades

Etapla também realizada em dois momentos distintos: separação em parágrafos, de acordo com o conteúdo temático; reelaboração das unidades de registro por meio de síntese posterior de cada parágrafo, como recurso facilitador ao manuseio das informações, embora mantendo constante preocupação em conservar tanto o sentido original quanto as próprias palavras do entrevistado relacionadas ao tema.

Categorização ou classificação das unidades em categorias

Com base na temática, esta etapa processou-se pelo agrupamento das unidades de registro, a partir do desmembramento das várias entrevistas.

Descrição

Etapla constituída de operações por categorias iniciais, a partir da descrição de suas principais idéias.

Interpretação

Esta etapa estabeleceu a elaboração das categorias intermediárias mais abrangentes, a partir das informações das iniciais; e, finalmente, a elaboração das categorias finais na busca de síntese mais globalizadora e do alcance de níveis de interpretação e compreensão mais aprofundados.

OS RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Os resultados da análise foram obtidos por meio de três conjuntos de categorias, nos quais as informações coletadas foram classificadas. O primeiro conjunto refe-

re-se às Categorias Iniciais, apresentando informações, em nível maior de detalhamento, com a utilização intensiva das próprias manifestações dos entrevistados. O segundo, formado pelas Categorias Intermediárias, corresponde a uma reclassificação das informações em que se reagruparam as categorias iniciais objetivando menor número de categorias, de caráter mais amplo. Finalmente, as categorias intermediárias foram reagrupadas originando as Categorias Finais, nas quais se procurou uma síntese globalizadora das percepções dos entrevistados acerca da relação prazer, sofrimento e trabalho, destacando fatores que têm implicações na gênese do prazer e do sofrimento no trabalho.

O conjunto de categorias finais — O Trabalho em Si, A Organização do Trabalho e As Condições de Trabalho — já estava presente, desde o início, direcionando a elaboração deste estudo.

Ao longo de todo o processo de análise foram emergindo, a partir das categorizações iniciais, aspectos percebidos como implicados na gênese do prazer e do sofrimento no trabalho que, por meio de reclassificação, possibilitaram atingir menor número de categorias, de caráter mais amplo e abrangente, dando origem às Categorias Intermediárias.

Os dados dessas duas categorizações (Categorias Iniciais e Categorias Intermediárias) foram finalmente reagrupados, num último esforço de alcançar novos níveis de compreensão sobre as percepções de trabalhadores da enfermagem acerca dos fatores que originam prazer e sofrimento no trabalho, e conduziram à elaboração das Categorias Finais permitindo, dessa forma, uma síntese globalizadora de tais percepções.

Na categoria final **O Trabalho em Si** — corroborando relato de Dejours & Abdoucheli (1994) —, foi possível constatar, a partir da análise das descrições de vivências e percepções dos trabalhadores, que o trabalho desponta como operador fundamental na própria construção do sujeito e como espaço de construção do sentido, portanto, de conquista de identidade, de sua continuidade e historicidade. Assim, a atividade profissional não é apenas um modo de ganhar a vida. Transcende ao simples atendimento de necessidades, constituindo forma de inserção social, na qual os aspectos psíquicos e físicos estão fortemente implicados.

Outros elementos que emergiram da análise, e que já haviam sido constatados por Pitta (1990) quando de seu estudo acerca do trabalho hospitalar, apontam que o sofrimento daqueles que exercem atividades de enfermagem decorre da própria natureza e das características desse trabalho, por desenvolverem continuamente o trabalho cotidiano não-raro com dores, perdas, sofrimento e morte, ao assumirem fundamentalmente os cuidados de pessoas doentes. Foi evidenciado que a responsabilidade no

exercício de tais funções recai, de forma bastante intensa e contundente, sobre a equipe de enfermagem, em decorrência de ficar ao seu encargo a provisão contínua de cuidados aos pacientes internados, durante as 24 horas do dia, dia após dia, até o desfecho que pode ser desde a cura até a morte.

Apesar de a natureza da atividade ser considerada como extremamente desgastante, por ser exercida diante de situações críticas pelas quais passa o ser humano, contraditoriamente, quando possível de ser realizada, na dependência dos resultados obtidos e por atender às necessidades de os trabalhadores da enfermagem se sentirem úteis e quererem ajudar, é percebida como extremamente prazerosa.

Desse modo, o contato direto com o paciente, provendo cuidados e elementos essenciais às suas subsistência e recuperação, constitui fator de proteção à saúde psíquica dos trabalhadores da enfermagem, muito mais evidenciado no trabalho dos auxiliares de enfermagem, em virtude de suas ações ficarem mais restritas ao desempenho de atividades assistenciais diretas. Assim, mesmo ante à iminência da morte e de terem de, cotidianamente, ultrapassar a barreira do medo e da comisseração por um outro ser submetido aos seus cuidados, surgem estímulos eficientes para desencadear um deslocamento da energia libidinal para fins social e narcisisticamente valorizados, portanto impedindo seu direcionamento para uma via sintomática. Desse modo, a sublimação compensatória, atribuída às atividades de utilidade e reconhecimento sociais, emerge como mecanismo competente de transformação de pulsões inconscientes, primitivas e individuais que, por meio de sua dessexualização no campo social, oferece uma via não-sexual para sua satisfação. Portanto, trabalho e sublimação surgem como operadores fundamentais da saúde mental (Pitta, 1990; Dejours, 1993; Dejours & Abdoucheli, 1994). O trabalho torna-se um fator de equilíbrio e de desenvolvimento quando possibilita ao trabalhador aliar o desejo de executar a tarefa às suas necessidades físicas, independentemente da natureza do trabalho e das condições em que o realiza, confirmando dessa forma as assertivas de Dejours, Dessors & Desriaux (1993).

Na categoria final **A Organização do Trabalho**, pela análise dos depoimentos foram evidenciados elementos que vão especialmente ao encontro das assertivas de Dejours (1992; 1994a) quando afirma que a organização do trabalho é, de certo modo, a vontade de outro; é a

O trabalho torna-se um fator de equilíbrio e de desenvolvimento quando possibilita ao trabalhador aliar o desejo de executar a tarefa às suas necessidades físicas, independentemente da natureza do trabalho e das condições em que o realiza.

divisão do trabalho e sua repartição entre os trabalhadores que, domesticados e forçados a agir conforme a vontade de outro, o fazem em atenção aos desejos da direção, em detrimento da livre organização do trabalho.

Emergem da análise determinados elementos, presentes na forma de organização do trabalho que realizam, fortemente implicados na gênese do sofrimento no trabalho, principalmente ao ser percebida essa forma de organização como autocrática e autoritária. Por estarem presentes,

tais características da organização do trabalho dificultam seu rearranjo pelo trabalhador. Geram bloqueio da relação conflitual do aparelho psíquico com a tarefa, não oferecendo saída apropriada à energia pulsional. Esta, ao não encontrar descarga no exercício do trabalho, acumula-se dando origem a um sentimento de desprazer, fadiga e tensão, demarcando, no dizer de Dejours (1992), o começo do domínio do sofrimento e da luta contra o sofrimento.

Identifica-se, portanto, a existência de bloqueio na relação homem-organização do trabalho na área de enfermagem, apesar da máxima utilização das faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação ao buscarem diária e continuamente soluções para as demandas assistenciais que se apresentam, dadas as dificuldades de realizarem diuturnamente as tarefas que lhe são destinadas.

Na categoria final **As Condições de Trabalho** foram evidenciados, pela análise dos depoimentos, elementos que corroboram as afirmativas de Castellanos *et alii* (1989) e de Leopardi *et alii* (1989) ao reportarem a visível deterioração das condições de trabalho a que está submetido o trabalhador da enfermagem. Pode-se inferir, dessa forma, que tais condições podem ser fatores que têm levado à crescente evasão e à alta rotatividade. Estas, associadas à insuficiência de recursos humanos na área de enfermagem hospitalar, têm promovido o aumento cada vez mais contínuo e significativo dos desgastes físico e mental dos trabalhadores remanescentes. Assim, o sofrimento no trabalho emerge principalmente do medo de não haver tempo ou condições para concluir as tarefas ao seu encargo, à medida que as atividades devem ser compartilhadas e redistribuídas entre os que permanecem.

Embora as características da profissão estejam bem-definidas pela habilidade e pela competência profissionais, isto não impede que, nas condições reais de trabalho, seja extremamente difícil a realização das tarefas. O

drama do sofrimento localiza-se também no descaso, no desconhecimento ou na negação das dificuldades experimentadas pelos membros da equipe de enfermagem, portanto no seu não-compartilhamento; este é evidenciado nas atitudes que percebem ser adotadas pela direção, inclusive pela coordenação de enfermagem e pelos demais profissionais, principalmente médicos, ao se limitarem, conforme ressaltado por Dejours (1993; 1994b), à construção da psicologia espontânea pejorativa, imputando as imperfeições do sistema àqueles que executam o trabalho, deplorando sua falta de formação ou proferindo julgamentos de condenação moral. Segundo Chanlat & Bédard (1993), tal procedimento pode constituir impedimento ao desenvolvimento do indivíduo, inclusive aniquilando a realidade de sua existência.

CONCLUSÕES

As conclusões inferidas pelo estudo vão de encontro, frontalmente, às recomendações de Walton (1973), quando indica que os trabalhadores, em geral, não deveriam ser expostos a condições físicas indevidamente perigosas ou prejudiciais à saúde. Segundo Silva (1988), quando presentes, tais condições podem acarretar danos físicos, emocionais e sociais, como constatado. Os trabalhadores da enfermagem, em decorrência da natureza e das características das tarefas que executam, correm o risco de sofrer danos à saúde ocasionados por agentes biológicos, químicos, físicos e mecânicos, bastante presentes no ambiente hospitalar; portanto, necessitam de condições materiais de proteção no trabalho, as quais não lhes são oferecidas de forma qualitativa e quantitativamente suficiente. Assim, por vezes ficam expostos a situações que põem em risco sua saúde. Contraditoriamente, ao dedicarem suas atividades à recuperação de outrem, numa organização cuja principal finalidade se destina à saúde das pessoas, correm o risco de se tornarem doentes ao trabalharem sem as condições de proteção necessárias.

Portanto, a percepção da realidade que vivenciam e as possibilidades de comprometerem não só a saúde, mas também a própria vida, associadas à impossibilidade de prestarem atendimento dentro das condições mínimas de qualidade, geram nos trabalhadores da área de enfermagem sentimentos que contribuem sobremaneira para o sofrimento no trabalho.

Concluindo estas considerações finais, pode-se afirmar que a própria natureza do trabalho da enfermagem é percebida como capaz de proporcionar satisfação e prazer, por meio de mecanismos defensivos de natureza sublimatória, quando condições facilitadoras permitem ao trabalhador da área perceber as tarefas que realiza como socialmente valorizadas. No dizer de Dejours (1993), porém, muito freqüentemente o entrave ao jogo sublimatório

não resulta tanto da incapacidade psíquica do sujeito, quanto da ausência das condições organizacionais necessárias ao estabelecimento da ressonância simbólica, o que foi possível inferir com a realização deste estudo. Assim, o desenvolvimento de uma administração que privilegie a emergência e a realização da pessoa humana é condição necessária para haver prazer no trabalho. A flexibilização da organização do trabalho parece ser a condição para se obter esse prazer. O pleno emprego das aptidões psicomotoras, psicossensoriais e psíquicas, que permitem ao trabalhador rearranjar seu modo operatório e utilizar gestos capazes de lhe proporcionar prazer, conforme Dejours (1994a), possibilita a transformação de um trabalho fatigante em um trabalho equilibrante.

No caso específico deste estudo, a insuficiência de recursos humanos e materiais para o desenvolvimento do trabalho tem levado os trabalhadores da enfermagem a acelerarem seu ritmo de trabalho para poder realizá-lo. Mesmo assim, muitas vezes não conseguem dar conta de sua completa concretização, gerando situações anti-sublimatórias, segundo Dejours (1993), que conduzem ao surgimento do sofrimento psíquico, em alguns casos evidenciado até sob a forma de padecimento físico.

Convém resgatar as assertivas de Dejours (1994a), quando apresenta a carga psíquica do trabalho como regulador da carga global de trabalho. Portanto, o trabalho é equilibrante ao permitir a diminuição da carga psíquica, uma vez que o rebaixamento e a descarga da energia pulsional são origem e fonte do prazer, ou seja, o prazer é resultado do alívio da carga psíquica do trabalho. O trabalho não é sempre patogênico. Ao contrário, tem poder estruturante em face tanto da saúde mental quanto da saúde física. Portanto, ao ser fonte de prazer, o trabalho constitui um mediador da saúde.

Com base na análise dos depoimentos, acredita-se poder afirmar que, no caso dos trabalhadores da área de enfermagem, tudo aquilo que dificulta ou inviabiliza o atendimento das necessidades de ajudar e de se sentirem úteis implica sofrimento no trabalho. Por outro lado, tudo o que facilita ou viabiliza o atendimento de tais necessidades constitui a gênese do prazer no trabalho.

Acredita-se, ainda, que este estudo possibilitou o conhecimento da existência tanto do prazer quanto do sofrimento no trabalho, suas localizações e as razões que os motivam. Percebe-se que o trabalho em si, apesar do sofrimento que contém, possibilita também vivenciar um prazer concreto. Grande parte do sofrimento relatado reside na organização e nas condições de trabalho, de forma real, dramática e quase absoluta. O prazer, porém, com raríssimas exceções, manifesta-se sempre condicionado a algum fator na maioria das vezes inexistente, portanto, em uma possibilidade futura, como expectativa de prazer. ♦

RESUMO

O trabalho pode constituir elemento de fundamental importância para a análise do ser humano e de sua relação com o mundo material e com sua vida psíquica. É por meio dele que o ser humano busca prazer e evita o sofrimento. Portanto, a relação prazer, sofrimento e trabalho é o objeto deste estudo, que procura estabelecer as implicações do processo de trabalho nos sentimentos de prazer e sofrimento dos trabalhadores na área de enfermagem, por meio da abordagem psicanalítica. A análise do conteúdo, privilegiada como método de pesquisa qualitativa, destaca a expressão do subjetivismo existente nesse processo, fundamentando-se nas contribuições da psicanálise para a apreensão dos sentimentos inconscientes. As conclusões contribuem, ainda que modestamente, para o aprofundamento das relações existentes entre prazer e sofrimento e suas influências no trabalho coletivo.

Palavras-chave: processo de trabalho, psicanálise, sofrimento, prazer.

ABSTRACT

Labor might constitute a element of fundamental importance to the analysis of the human being and it's relation with the material world and it's psychic life. By working humans seek pleasure and avoid suffering. Therefore, the suffering-pleasure-work relationship is the goal of this paper, which aims to establish the implications of the working process upon suffering and pleasure of infirmity workers by means of a psychoanalytical approach. The contents' analysis privileged as qualitative research method, highlights the expression of the subjectivism existing in this process, based upon the contributions of the psychoanalysis to the apprehension of the unconscious feelings. The conclusions contribute modestly to the engrossment of the relationships between pleasure and suffering and it's influence on collective work.

Uniterms: working process, psychoanalysis, suffering, pleasure.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1979.
- CASTELLANOS, B.P. *et alii*. Os desafios da enfermagem para os anos 90. CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 41. *Anais*. Florianópolis-SC, set. 1989. p.147-169.
- CHANLAT, A. & BÉDARD, R. Palavras: a ferramenta do executivo. In: CHANLAT, J.F. (org.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. V.1, 2 ed. São Paulo, Atlas, 1993.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. 5 ed. São Paulo, Cortez-Oboré, 1992.
- _____. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J.F. (org.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. V.1, 2 ed. São Paulo, Atlas, 1993.
- _____. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo, Atlas, 1994a.
- _____. Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo, Atlas, 1994b.
- DEJOURS, C. & ABDOUCHELI, E. Desejo ou motivação? A interrogação psicanalítica sobre o trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação de prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo, Atlas, 1994.
- DEJOURS, C.; DESSORS, D; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.33, n.3, p.98-104, maio/jun. 1993.
- HYMAN, H. *Pesquisas: princípios, casos e processos*. Rio de Janeiro, Lidaador, 1967.
- LEOPARDI, M.T. *et alii*. O desenvolvimento técnico-científico da enfermagem: uma aproximação com instrumentos de trabalho. CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 41. *Anais*. Florianópolis-SC, set. 1989. p.97-126.
- MORAES, R. *Análise de conteúdo*. Porto Alegre, PUCRS, 1993. [Mimeo]
- PITTA, A. *Hospital, dor e morte como ofício*. São Paulo, Hucitec, 1990.
- SILVA, V.E.F. *Estudo sobre acidentes de trabalho ocorridos com trabalhadores de enfermagem de um hospital de ensino*. São Paulo, 1988. 176 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) — Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.
- WALTON, R. Quality of work life: what is this? *Sloan Management Review*, v.15, n.1, p.11-21, 1973.